

***Philosophical algorithms and the psychopolitical overcoming of fakemind: on the philosophical therapy of the of emotional plague***

**Algoritmos filosóficos e a superação psicopolítica da fakemind: sobre a terapia filosófica da peste emocional**

Jéssyka Sarcinelli Cáo<sup>1</sup>, Ana Christina Saraiva Iachan<sup>2</sup>, Estelita Oliveira de Amorim Ouriques<sup>3</sup>, Juliana Wähner<sup>4</sup>, Marina Sant'Anna Vergara<sup>5</sup>, Renata Cesar de Oliveira<sup>6</sup> e Evandro Vieira Ouriques<sup>7</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Técnica e Epistemologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>2</sup>Pesquisadora Associada do Núcleo de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica/Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>3</sup>Pesquisadora Associada do Núcleo de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica/Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>4</sup>Consultora Associada do Núcleo de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica/Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>5</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Técnica e Epistemologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>6</sup>Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Técnica e Epistemologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>7</sup>Diretor do Núcleo de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica/Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Técnica e Epistemologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro

[jessykasarcinelli@gmail.com](mailto:jessykasarcinelli@gmail.com), [anacsiachan@gmail.com](mailto:anacsiachan@gmail.com), [estelitadeouriques08@gmail.com](mailto:estelitadeouriques08@gmail.com),  
[Juliana.Waehner@gmx.de](mailto:Juliana.Waehner@gmx.de), [vergara.marina@gmail.com](mailto:vergara.marina@gmail.com), [renatacesarouff@gmail.com](mailto:renatacesarouff@gmail.com),  
[evandro.vieira.ouriques@eco.ufrj.br](mailto:evandro.vieira.ouriques@eco.ufrj.br)

Recebido: 27/04/2021

Aceito: 29/04/2021

Publicado: 04/05/2021

DOI: 10.51919/revista\_sh.v1i0.282

**Abstract.** *This article aims to demonstrate that the phenomenon of fakenews goes beyond the media field and reiterates the urgency of overcoming the pandemic present in social theory and hegemonic philosophies generated by the convergence between the persistence in dualism and postmodern relativism, which has engendered a globalized fakemind that is, the radical loss of the capacity judgement to determine what is true and what is false and, thus, the return of the emotional plague as identified by Wilhelm Reich. The overtake of such a pandemic in mental territory implies overcoming both the*

*philosophy of the subject, which has replaced in a hegemonic way the classical metaphysical ontological question about what is real with the epistemological question about what is possible to know, and the postmodern philosophy and its elimination of truth, subject and identity and thus treating in a non-dualistic way the question of what is reality. The article, based on the Psychopolitical Theory, advances the demonstration on how the communicational condition of the human being, deeply articulated with the "deep biological core of the individual" identified by Wilhelm Reich, allows an empirical, and therefore non-metaphysical, notion of truth as a correspondence between the emancipatory quality of mental states that the human being, in his fetalization, needs to establish himself as properly human and the mental states that humans use as a source of reference for their capacity of judgement throughout their lives.*

**Keywords.** *Philosophical algorithms. Capacity to judge. Mental territory. Wilhelm Reich. Psychopolitical Theory.*

**Resumo.** O presente artigo demonstra que o fenômeno das fakenews ultrapassar o campo das mídias reitera a urgência de superar a pandemia presente na teoria social e filosofias hegemônicas gerada pela convergência entre o persistir no dualismo e o relativismo pós-moderno, o que engendrou uma fakemind globalizada, ou seja, a perda radical da capacidade de julgar entre verdade e mentira e, assim, o retorno da peste emocional como identificada por Wilhelm Reich. A superação de tal pandemia no território mental implica superar tanto a filosofia do sujeito, que substituiu de maneira hegemônica a questão ontológica metafísica clássica sobre o que é real pela questão epistemológica sobre o que é possível conhecer, quanto a filosofia pós-moderna e sua eliminação da verdade, do sujeito e da identidade e, assim, tratar de maneira não-dualista a questão do que é a realidade. O artigo, com base na Teoria Psicopolítica, avança a demonstração de como a condição comunicacional do ser humano, profundamente articulada com o “cerne biológico profundo do indivíduo” identificado por Reich, permite uma noção empírica, e portanto não-metafísica, da verdade como correspondência entre a qualidade emancipatória dos estados mentais que o ser humano, em sua fetalização, necessita para instaurar-se como propriamente humano e os estados mentais que os humanos utilizam como fonte de referência para a sua capacidade de julgar ao longo de suas vidas.

**Palavras-chave.** Algoritmos filosóficos. Capacidade de julgar. Território mental. Wilhelm Reich. Teoria Psicopolítica.

## 1. Reintroduzir a questão da verdade

O presente artigo demonstra como o fato do fenômeno das *fakenews* ultrapassar os campos do jornalismo e das mídias reitera a urgência de superar psicopoliticamente a gravidade da pandemia presente na teoria social e filosofias hegemônicas, e portanto presente na história das ciências e das técnicas, gerada pela convergência entre o persistir no dualismo, malgrado as tentativas de superá-lo, e o relativismo pós-moderno, o que engendrou uma *fakemind* globalizada, ou seja, uma perda radical da capacidade de julgar (POULAIN, 2017) ou seja, a capacidade de discernir entre verdade e mentira, alucinando uma “pós-verdade”.

Esta patologia dos psiquismos e de suas redes, as instituições, atinge o seu auge, nesta fase da história, no neoliberalismo-populista, que se sustenta e propaga em uma opinião pública formada por vozes do inconsciente, que emergem em estado bruto, im-pura dor, à procura de identidades nas quais projetar, aterrorizadas, por um lado, a “salvação”, de

modo a encontrar uma fonte de segurança e proteção; e, por outro, o “extermínio”, para livrar-se da auto-responsabilidade no que experimentam, o que as faz delirar que crenças irracionais seriam legítimas mesmo diante da imensa quantidade de evidências e argumentos cientificamente produzidos e documentados, e facilmente acessíveis. A superação de tal pandemia no território mental (OURIQUES, 2017b), exponenciada pelo “real algorítmico” (GILLESPIE, 2010, 2011), implica superar tanto a filosofia do sujeito, do *cogito* de Descartes às críticas kantianas<sup>1</sup>, que substituiu de maneira hegemônica a questão ontológica metafísica clássica sobre o que é real pela questão epistemológica sobre o que é possível conhecer, quanto à filosofia pós-moderna e sua eliminação da verdade, do sujeito e da identidade e, assim, tratar de maneira não-dualista a questão do que é a realidade.

Desta forma este artigo contribui para a Teoria Psicopolítica, ao aproximá-la da obra de Wilhelm Reich, articulando a descoberta do cerne biológico profundo do indivíduo, que que fez, com a condição comunicacional do ser humano, que, ao determinar a capacidade de julgar como a capacidade humana por definição, permite consolidar uma noção empírica da verdade, e portanto não-metafísica, como correspondência entre a qualidade emancipatória dos estados mentais que o ser humano, em sua fetalização, necessita para instaurar-se como propriamente humano - de experienciar a semelhança com o diferente - e os estados mentais que os seres humanos utilizam como fonte de referência para a sua capacidade de julgar ao longo de suas vidas.

## 2. A condição comunicacional do ser humano

É necessário reiterar que a condição comunicacional do ser humano, dada à sua condição fetal intra e pós-uterina, o faz depender *in totum* de sua capacidade de julgar o que sente, e paulatinamente o que pensa, assim como o que sente e pensa sua mãe, pai, irmãos e amigos, bem como aqueles que exercem tais funções, de maneira a poder fazer o mundo falar de maneira favorável a ele. É por isto que o estado mental da segurança e da proteção é assumido pelo ser humano como a *figura de felicidade*, pois a sua potência é proporcional ao estado mental no qual ele se instaurou como tal, na imanência e intimidade de uma comunhão (NANCY *apud* OURIQUES, 2017, p.31). É por isto que o ser humano busca por toda a sua vida *figuras de felicidade*, como a do Estado, a das políticas públicas, da justiça social, do respeito à diferença, da sustentabilidade, etc., o que coloca a estética, e assim a arte, em posição primordial no processo emancipatório. Tais figuras, tão antigas como os seres humanos, e por isto em uso ao longo de toda a história -tanto para fomentar emancipação quanto servidão- são cada vez mais e melhor simuladas e ofertadas na experiência da *onlife* (FLORIDI, 2015), produzida pela automação algorítmica, já vulgar e caricaturalmente espetacularizada, dos processos de tomada de decisão, o que se intensificou de maneira até então inimaginável nos tempos de peste do Covid-19.

Esta automação, cabe destacar, é privatizada e operada em termos apostólicos, gerando a “cultura algorítmica” (STRIPHAS, 2015) hegemônica, que classifica e hierarquiza sistemas de informação, isto é, de sistemas de estados mentais (pensamentos e afetos), e assim desenha e oferece o referido “real algorítmico” de pseudo “segurança e proteção”, em uma *fakemind* a qual grandes contingentes de seres humanos aderem em rede voluntária de servidão (LA BOÉTIE, 1562), e a sustentam ao assumir opiniões (estados

---

<sup>1</sup> <https://aterraeredonda.com.br/walter-benjamin-e-a-pos-verdade>

mentais pessoais e públicos) que alucinam como sendo suas e que configuram preferências por identidades para o extermínio (MISSE, 2018) e por identidades para a salvação, como têm emergido gritantemente na sede do Império e em países periféricos.

Estudos sobre a aplicação do *big data* em campanhas eleitorais como bem apresentam os documentários *Privacidade Hackeada* (2019), com o trabalho de David Carrol e em especial de Carole Cdwalladr sobre o papel decisivo da Cambridge Analytica na eleição de Donald Trump, e *Social Dilemma* (2020), com o registro da tragédia anunciada (OURIQUES, 2002, 2006, 2007, 2008) provocada pelas esperanças metafísicas nas redes sociais, são outras evidências irrefutáveis do que a Teoria Psicopolítica aponta faz tempo, incorporando em seu fundamento epistemes na diáspora, como as do taoísmo, do advaita vedanta e do budismo tibetano: a centralidade da mente sobre a realidade que se experimenta, o princípio em que se baseia a guerra psicológica, a quarta geração da ciência da guerra (OURIQUES, 2012), e que gerou a derrocada de importantes experiências de amadurecimento democrático, como por exemplo na América Latina, uma vez que tais processos estavam ontológica, epistemológica, teórica e metodologicamente cegos a este fato. É assim que o estado mental da segurança e proteção é simulado nos consensos mentais que sustentam todos os regimes de servidão, como o neoliberalismo-populista, lembrando, com a Teoria Psicopolítica, que “a isso a que se dá o nome de corpo é uma parte da (...) [mente] percebida pelos cinco sentidos” (BLAKE, 1868, p. 4).

É por isto que a Teoria Psicopolítica é um pensamento respiratório, pois cada estado mental é sustentado por um *estado respiratório*, o que escapou dos grandes avanços e contribuições da biopolítica e que é tão bem estudado de maneira experimental, com eficácia milenar, pelo Yoga, e também, como é o caso aqui, por Reich. É pela consciência incorporada, atenta à qualidade emancipatória ou não do fluxo respiratório, que as atitudes, por exemplo, nas redes sociais, emancipam-se dos diagramas mentais e assim voltam a se entranhar na vida e abandonam o confinamento na tecnologia, a delusão do pós-humano, passando gradativamente a usarem-na de maneira emancipatória.

### 3. O cerne biológico do organismo

Tratemos agora de aproximar um pouco mais a fundamental obra de Wilhelm Reich (que ainda sofre de sintomático apagamento que não cabe tratar aqui) da condição comunicacional do ser humano. Reich, através de seu trabalho clínico, observou o funcionamento do organismo, e verificou ele ser uma unidade funcional pulsante que contrai e expande continuamente. Como a respiração, ato inicial e final de cada ser humano. Já organismos rígidos, contraídos, adoentados, se “defendem” do que experimentam como “angústia da entrega”, ou seja, da sensação prazerosa, do encontro - do amor que implica vivenciar a semelhança com o diferente (OURIQUES, 2006), pois temem perder o controle. Reich deixou claro que o organismo contraído sente como avassaladora a potência da vida, do envolvimento da inspiração e expiração profundas e das sensações ligadas ao sistema parassimpático (parte do sistema nervoso autônomo responsável por estimular ações que permitem ao organismo responder à situações de calma) pois está em constante estado de luta ou fuga (movido pela parte simpático do sistema nervoso autônomo) (REICH, 1975).

Se ainda ecoa, passados mais de 80 anos, a afirmação de Reich de que “o problema que consiste em saber por que razão os homens suportam desde há séculos a exploração e

humilhação moral, em resumo, a escravidão, ficou sem resposta” (REICH, 1988, p.28), está à disposição lembrar que ele, através de sua longa, detalhada e perfeita análise do fascismo alemão, sintomaticamente esquecida, como dissemos inicialmente, nos mostrou o quanto de autorização das próprias massas há na necessidade delas de obedecer a todo custo -o quanto de voluntário existe na subserviência ao poder, ao tirano e na incapacidade de discernir e tomar decisões, o que é difícil para as economias políticas, idealizando os oprimidos, e os estudos culturais e socioculturais fazendo o mesmo de outra forma (OURIQUES, 2014).

Segundo Reich (1975) o fascismo é a manifestação da personalidade irracional, do encorajamento dos sujeitos, cujas necessidades biológicas primárias, seus anseios “orgásticos”, não apenas genitais, foram reprimidos, como o traumatismo do dualismo na condição comunicacional do ser humano. É assim que esta necessidade de contato afetivo amoroso intenso com o outro é capturada pelos algoritmos filosóficos que criam a referida *fakemind*, esta delusão de que tanto a verdade, a empatia, a segurança e proteção, seriam providas por um ser transcendental essencialmente divino, quanto de que a mentira, a insegurança e violência estariam em um “absoluto fora”, que adviriam de um ser transcendental essencialmente diabólico a ser exterminado.

O fascismo, para Reich, não é um fenômeno próprio de um partido nem exclusivo de um modelo econômico-político (daí o equívoco, segundo a Teoria Psicopolítica, de supor que apenas o capitalismo seria “o inimigo” e que um outro regime seria “o salvador”, esquecendo que tudo depende do fortalecimento da capacidade de autorregulação em rede do fluxo dos estados mentais, ou seja da qualificação da capacidade de julgar) mas um “fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações”, sustentado sempre por massas (REICH, 1988, p. 12) formadas por sujeitos que insistem “em apregoar a “honra da nação” (em vez da honra do homem) ou a “salvação da sagrada família e da raça” (em vez da sociedade de trabalhadores, ou seja, de todos) (*id.*, p. 14), como se viu no Brasil a partir de 2016, ecoando o golpe de 1964.

O fascismo que ganhou força no Brasil e no mundo é um exemplo do que Reich (1998) denominou de “peste emocional”, que impede a manifestação natural do que ele identificou, e já referido, como o “cerne biológico”; o cerne que é amoroso, governado pela potência de vida, pela conexão com o outro, com a natureza e o universo, e assim capaz de experimentar prazer, amizade e afeto desinteressado como exercícios de autorregulação, conceito central em sua obra, e que encontra profunda sincronia com a condição comunicacional do ser humano. São movidas pelo trauma do dualismo na condição comunicacional que milhões de pessoas justificam outros milhões de pessoas morrerem em decorrência do Covid-19 “pois a economia não pode parar”, como se a economia fosse uma instância divergente da saúde das pessoas.

A gravidade deste momento oferece a oportunidade de mais pesquisadores trabalharem em rede de maneira transdisciplinar, e portanto não-dualista, sobre as evidências de como é óbvia a convergência entre o que antes era hegemonicamente considerado “separado”. Palavras de Reich, no início do século passado:

Os efeitos da peste emocional podem ser vistos no organismo humano, bem como na vida da sociedade. De vez em quando, ela se transforma em epidemia, como qualquer outra doença contagiosa, como a peste bubônica ou a cólera. Explosões epidêmicas da peste emocional manifestam-se em irrupções violentas e disseminadas de sadismo e criminalidade, em pequena e grande escala. A Inquisição Católica da Idade Média foi uma dessas explosões

epidêmicas; o fascismo internacional do século XX é outra (REICH, 1998, p. 461).

Não foi, portanto, por falta de aviso. O fascismo internacional do século XXI é outra destas explosões, agora pandêmica, dada à automação dos algoritmos filosóficos das antigas operações psicopolíticas, presentes ao longo da história e invisibilizadas pela teoria social e filosofia hegemônicas, automação que exponencia a intensificação do ressentimento que a referida ruptura ontológica e epistemológica do dualismo provoca na condição comunicacional do ser humano.

Ou seja, em termos reichianos, em seu cerne biológico, amplificando uma suposta incapacidade inata dos seres humanos de controlar a agressividade, restando-lhes hobbesianamente apenas o Estado idealizado metafisicamente como “aquele” que faria o que o ser humano seria incapaz, pois o Estado é empiricamente uma rede de seres humanos que fora dele se declaram incapazes de se auto-controlarem em rede. E ainda há quem se surpreenda com a corrupção e com o Estado suicidário, aquele em que o presidente da maior democracia do mundo adia o quanto pode reconhecer que perdeu eleições legítimas. Como destaca Ouriques (2017a), apesar de não ter sido a intenção de Nietzsche, pois ele apontava para a necessidade de se hierarquizar os valores com base na “vontade de potência” ou no conceito de vida, uma vez que entendia que mesmo existindo infinitas perspectivas isso não quer dizer que toda perspectiva é igualmente válida, o perspectivismo moral e o relativismo pós-moderno alinharam-se ao pensamento hobbesiano e bloquearam a construção do *comum* durante o século XX e continuam a fazê-lo no século XXI.

#### 4. Conclusões

A insistência das teorias sociais e filosofias hegemônicas no dualismo e no relativismo fizeram retornar os fantasmas que elas mesmas garantiram em muitos casos que não voltariam, como a ditadura, o autoritarismo e a extrema direita reacionária, com a correspondente predominância dos estados mentais da ignorância da condição comunicacional do ser humano, do medo, do ódio e da ganância, com o seu anticientificismo, negacionismo e fundamentalismos de todo tipo. É nesse sentido que Reich constatou a indissociabilidade do psíquico e do político, do psicopolítico nos termos de Ouriques, uma vez que o ser humano acometido de *peste* emocional, em servidão voluntária, alucina a liberdade. Este comportamento, como vimos, é construído por distorções ontológicas, epistemológicas, teóricas e metodológicas causadas pela cultura (formada pelos referidos psiquismos e por suas redes, as instituições) que, gerada pela filosofia, precisa emancipar-se em uma Terapia Filosófica, a metodologia da Teoria Psicopolítica. Trata-se, portanto, de fortalecer práticas nos aparelhos psicopolíticos da cultura (OURIQUES, 2017b). Por isto, a Teoria Psicopolítica lembra que, como Foucault percebeu com os estoicos, epicuristas e cínicos, e também o fez Reich -e a episteme hindu o fez muito antes- cuidar de si em rede em tempo real é dar conta de seu próprio comportamento em relação a si mesmo e em relação aos outros. Nas pesquisas reichianas, é a educação autoritária que “desentranha” e aniquila aquilo que é vital no ser humano, e é esta incapacidade dos sujeitos de se auto-perceberem, o que só é possível percebendo o outro, o a-fundamento da *fakemind*.

É por isto que a superação da *fakemind* demanda conhecer e compreender o processo de formação da vontade. Neste processo é vital o vigor de uma “estética da felicidade” (POULAIN, 2017) que não seja *fake*, e portanto de uma arte que não seja mera reprodução

do que se vê, como o faz a arte da *mimesis*, tão generalizada. Por esta razão é que os co-autores deste artigo estão envolvidos com uma sequência de performances e experiências psicofísicas respiratórias sistemáticas<sup>2</sup> que fortalecem o despir-se das impregnações dualistas para realizar-se que se é um animal a mais na Terra; uma planta a mais; um elemento a mais; tão importante e único quanto desimportante e passageiro; com memórias profundas, instintos viscerais, capacidade de auto-observação e de observação, responsabilidade para com a ancestralidade humana, biológica e cósmica, em um complexo de redes, do qual o ser humano é um limite; e por isto a confiança é a condição. Se não há confiança, e somente disputas de narrativas, não é possível a criação de relações, de redes, de comunidades, de sociedades, de encontrar o *comum* - de formar frentes de emancipação. Portanto, como aponta Ouriques (2017) faz todo o sentido o caminho proposto por Spinoza (1632/1677) na filosofia política do século XVII, quando no entanto foi seu contemporâneo Thomas Hobbes (1588/1679) que tornou-se a referência, fato cujas consequências observamos agora no século XXI, pois o *comum* depende não do Estado mas da cultura, dependem da qualidade da capacidade de julgar, dependem da qualidade emancipatória ou não da mente:

É assim que enquanto Hobbes centraliza sua filosofia política na obediência civil, Spinoza centraliza a sua ao redor de um conceito novo, o *conatus*, pois ele entende que cada coisa à medida que existe em si esforça-se para perseverar em seu ser, o que ocorre não graças à força da coerção, mas pela potência da multidão, da *potentia multitudo*, orientada pelas afecções alegres para os bons encontros, que permitem, digo eu, a coesão social, pois constituem a potência individuante criadora e permitem que tal coesão cresça, pois é o oposto da moral como teoria dos deveres. (...) Concordo com Spinoza que Deus não está acima da natureza, pois Deus é natureza e pertence a este mundo aqui, como potência infinitamente infinita, no qual o ser humano é destinado não à monarquia, como em Hobbes, na qual o Rei é o povo e a multidão ameaçadora os súditos, mas à democracia, na qual a multidão é a multiplicidade coesa pela potência de criação, na qual nenhum ser humano cede seu direito natural à vida a um outro ser humano ou à uma assembleia deles, que passa a tomar decisões em seu nome (OURIQUES, 2017, p. 83-84)

Trata-se, portanto, da necessidade de uma reforma não-dualista do território mental, de uma terapia filosófica dos algoritmos da mente, da peste emocional. De uma terapia filosófica dos aparelhos psicopolíticos da cultura.

## Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

## Referências bibliográficas

BERNAYS, E. L. The engineering of consent. In: **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 250(1), pp. 113-120, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/anna/250/1>. Acesso em: 2 dez. 2020

<sup>2</sup> Estas experiências são conduzidas por Estelita Oliveira de Amorim Ouriques e Juliana Wähler.

BLAKE, W. **The marriage of heaven and hell**. 1868 . Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/the-marriage-of-heaven-and-hell-by-william-blake>. Acesso em: 02 dez. 2020.

CONSOLIM, M. Émile Durkheim e Gabriel Tarde: aspectos teóricos de um debate histórico. In: **História: Questões & Debates**, nº. 53, p. 39-65, jul./dez. 2010. Ed. UFPR: Curitiba.

FLORIDI, L. Commentary on the online manifesto. In: **The online manifesto**. Cham: Springer, 2015. Disponível em: <http://library.oapen.org/handle/20.500.12657/28025>. Acesso em: 02 dez. 2020

GAUTHIER, J. O que é pesquisar: entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência. In: **Revista Educação e Sociedade**, Vol. 20, Nº 69, Dec. 1999. Cedes: Campinas. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v20n69/a02v2069.pdf> Acesso em: 03 dez. 2020

GILLESPIE, T. The politics of 'platforms'. In: **New Media & Society** v.12 nº 3, p. 347-364, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/258173728\\_The\\_politics\\_of\\_'platforms'](https://www.researchgate.net/publication/258173728_The_politics_of_'platforms'). Acesso em: 05 dez. 2020

GILLESPIE, T. Can an algorithm be wrong? Twitter Trends, the specter of censorship, and our faith in the algorithms around us. In: **Culture Digitally**, 2011. Disponível em: <https://culturedigitally.org/2011/10/can-an-algorithm-be-wrong/>. Acesso em: 05 dez. 2020.

LA BOÉTIE, E. **Le discours de la servitude volontaire suivi de Mémoire touchant l'Édit de Janvier 1562 [inédit] et d'une Lettre de M. Le Conseiller de Montaigne**. Paris, 1922. Editions Bossard.

MISSE, M. **Una identidad para el exterminio: sobre la sujeción criminal y otros escritos**. Colección Teoría Psicológica, Volumen II. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata/Argentina e Universidade de Groningen/Holanda, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4tylvle>. Acesso em: 02 dez. 2020

OURIQUES, E. V. **Vida, geometria e sociedade: aberturas para a crise contemporânea de percepção a partir de conexões entre a mutação de paradigmas e o diálogo verbo-imagem nas páginas de jornal**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação/UFRJ, 1992.

OURIQUES, E. V. Comunicação, educação e cidadania: quando diversidade e vinculação social são apenas um. In: **Revista da Decania do Centro de Ciências da Saúde/UFRJ**, Rio de Janeiro, Ano 1, No 02, p. 33-36, 2006. Disponível em: [encurtador.com.br/ikQ56](http://encurtador.com.br/ikQ56). Acesso em: 02 dez. 2020

OURIQUES, E. V. Desobediência civil mental: a ação política quando o mundo é construção mental. In: **Anais 10o Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, Goiânia, 2007.

OURIQUES, E. V. **A mídia só é livre quando a mente é livre**. Entrevista ao I Fórum de Mídia Livre. 2008. Disponível em: <http://forumdemidialivre.blogspot.com.br/2008/06/mdia-s-livre-quando-mente-livre.html>. Acesso em: 02 dez. 2020

OURIQUES, E. V. Psicopolítica, tradição e cultura como um modo da natureza: um estudo comparativo entre gandhi e comunicação distribuída. In: **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 145-178, 2012. Acesso em: 02 dez. 2020

OURIQUES, E. V. Sobre la economía psicopolítica. In: **Oficios Terrestres**, n° 31, Julio/Diciembre. Universidad Nacional de La Plata, Argentina, pp. 30-48, 2014. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/oficiosterrestres/article/view/2437>. Acesso em: 02 dez. 2020

OURIQUES, E. V. A teoria psicopolítica como renovação da teoria social e da filosofia. In: **Crisis, comunicación y crítica política**. Ed. CIESPAL. 2017(a). Disponível em: <https://www.academia.edu/36411458>. Acesso em: 02 dez. 2020

OURIQUES, E. V. **Teoria psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura**. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen I. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata/Argentina e Universidad de Groningen/Holanda. 2017(b). Disponível em: <https://tinyurl.com/y2qcz44n>. Acesso em: 02 dez. 2020

POULAIN, J. **La capacidad de juzgar**. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen II. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata/Argentina e Universidade de Groningen/Holanda. 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4yextps>. Acesso em: 02 dez. 2020

RÜDIGER, F. **Síntese de história da publicística**: estágios reflexivos da ciência da comunicação pública alemã. Santa Catarina, Ed. Insular, 2019.

STRIPHAS, T. Algorithmic Culture. In: **European Journal of Cultural Studies**, v. 18(4-5), p. 395–412, 2015. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1367549415577392>. Acesso em: 02 dez. 2020

REICH, W. **A Função do Orgasmo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.